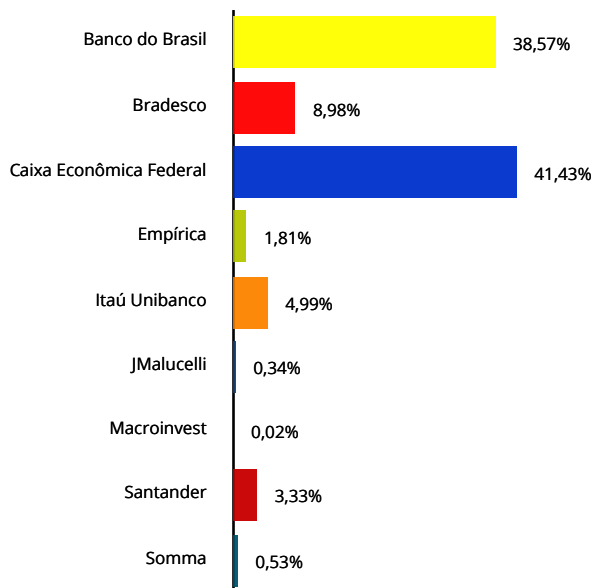


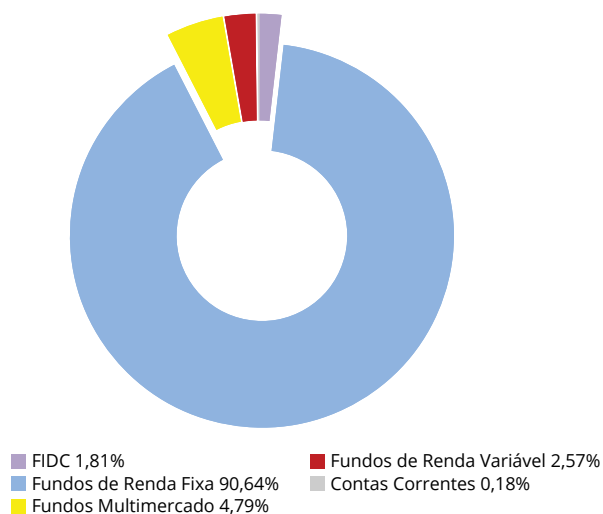
Os recursos do IPRESANTOAMARO são aplicados respeitando os princípios de segurança, legalidade, liquidez e eficiência.

A diretoria do Instituto, assessorada pela SMI Consultoria de Investimentos, vem buscando estratégias para que as necessidades atuariais do Instituto sejam alcançadas de acordo com os prazos estabelecidos. Neste mês a carteira de investimentos está distribuída da seguinte forma:

Distribuição da Carteira por Instituição Financeira



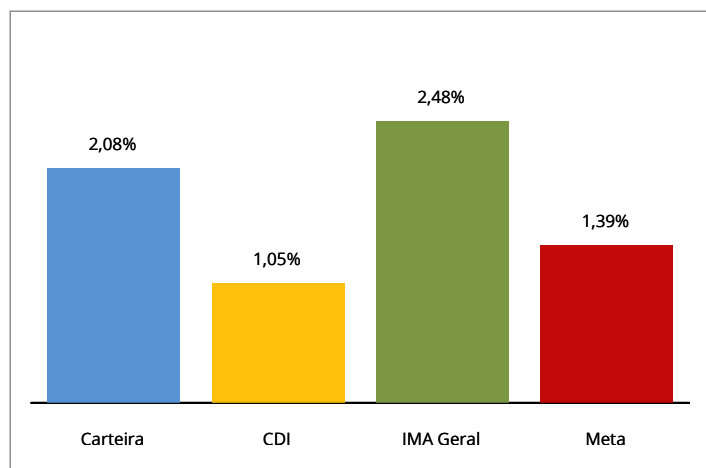
Distribuição da Carteira por Segmento



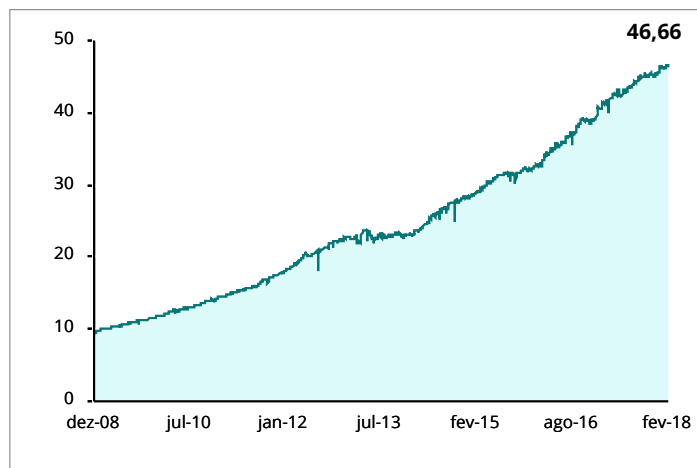
HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

COMPARATIVO	NO MÊS	NO ANO	EM 252 DIAS ÚTEIS
IPRESANTOAMARO	0,55%	2,08%	10,79%
CDI	0,47%	1,05%	9,12%
IMA Geral	0,72%	2,48%	11,56%
Meta Atuarial - INPC + 6 %	0,67%	1,39%	8,04%

Carteira x Indicadores em 2018



Evolução do Patrimônio (em R\$ Milhões)



Análise de Desempenho: A carteira do IPRESANTOAMARO tem como principal objetivo superar a Meta Atuarial.



Análise Macroeconômica

O curto mês de fevereiro teve um início conturbado. Parte do mercado atribuiu o movimento aos dados fortes do mercado de trabalho americano, que levou ao aumento do temor de os juros se elevarem mais rapidamente por lá. O destaque ficou por conta dos depoimentos do presidente do Federal Reserve, Jerome Powell, ao Congresso. Powell mostrou que manterá a política dependente dos dados, adotada por sua antecessora Janet Yellen; isto é, os juros subirão conforme a economia se recuperar. Ainda mais importante foi sua opinião a respeito da relação entre salários e inflação: Powell afirmou que não vê o aumento dos salários se refletindo no aumento da inflação rapidamente. Assim, isso sinaliza juros subindo aos poucos neste ano. Acreditamos em 3 altas ao longo de 2018.

Na Zona do Euro, o crescimento forte de 2018 segue possibilitando redução dos estímulos monetários por lá, mas no final deste ano. Como no curto prazo não são esperadas mudanças, por enquanto seguimos acompanhando a comunicação do Banco Central Europeu. Na China, os resultados seguiram mostrando crescimento forte para 2018 e 2019, em ligeira aceleração.

O Brasil, em fevereiro, por um lado teve resultados muito positivos sendo divulgados do mercado de trabalho, e uma sinalização positiva da política monetária, mas, por outro, o abandono completo da Reforma da Previdência.

O desemprego do trimestre encerrado em dezembro ficou em 11,8%, quase 1 ponto percentual abaixo do resultado do final de 2016, quando a taxa era de 12,7%. O resultado consolida o processo de recuperação da economia brasileira, pelo qual o país atravessa. Como já apontamos em comentários anteriores, a inflação mais baixa e a política monetária estimulativa foram os principais drivers deste processo de melhora da economia.

O Comitê de Política Monetária cortou a Selic para 6,75% (de 7%), em linha com o que nós e todo o mercado esperávamos. A sinalização do Comitê foi de que, em seu cenário básico, a Selic deveria parar de cair, mas, se surpresas positivas ocorressem, poderia seguir cortando a taxa básica de juros. Os resultados positivos de inflação referentes a fevereiro, mostrando ainda a inflação inerte num nível bastante baixo, nos faz acreditar que é possível que o Copom opte por seguir reduzindo o juro. Desta maneira, nosso cenário básico é de que a Selic seja reduzida para 6,5% na próxima reunião, em 21/03/2018. Ainda, devemos ficar muito atentos ao comunicado do COPOM após a próxima reunião, para entendermos qual será o forward guidance para o restante do ano.

A principal notícia negativa do mês foi a reforma da previdência ter sido abandonada pelo governo. Já era esperado, e acarretou no rebaixamento de nosso rating pela agência de risco Fitch. É quase certo que em breve a Moody's vá nos rebaixar. Assim como o movimento da Fitch não assustou os mercados, o da Moody's também não deve assustar.

NOSSAS PROJEÇÕES: 2018 // 2019
PIB (% de crescimento): 3,2% // 2,8%
Meta Taxa Selic: 6,5% // 8,0%
IPCA: 3,7% // 4,2%

Renda Fixa

No mês de Fevereiro houve a posse do Chairman do FED e o mercado americano apresentou bastante volatilidade por conta de um stoploss generalizado nos fundos vendidos em volatilidade, o que acabou fazendo a bolsa americana realizar de forma consistente. Os yields das treasuries de 10ys respeitaram as resistências e voltaram a operar abaixo de 2,95% a.a.

O Brasil apresentou um cenário bastante benigno tanto para bolsa quanto para as taxas de juros. Revisões de PIB para cima e inflação abaixo da meta, levaram o Banco Central a cortar mais uma vez a Selic em 0,25% para 6,75% a.a. Com todo esse otimismo, o mercado já projeta outra queda para o mês que vem. O dólar apresentou leve alta frente ao Real.

A eleição por enquanto está fora do radar. Não devemos ter surpresas ruins vindas de Brasília nos próximos meses.



Renda Variável

Em fevereiro tivemos um ensaio de “sell off” nas bolsas mundiais dado números do mercado de trabalho americano mais fortes que o esperado. Diz-se ensaio porque ao fim do mês as principais Bolsas Mundiais acabaram se recuperando, mas ficou o aumento abrupto da volatilidade. Nesse contexto observamos os investidores aumentando suas apostas para mais do que 3 aumentos do juro base nos EUA, algo ainda não precificado totalmente pelo mercado. Este cenário de aumento da taxa livre de risco por lá pode diminuir o apetite dos investidores por risco; somado ao foco de atenção que a inflação americana passa a ter com os bons fundamentos e números fortes de sua atividade econômica.

No quadro doméstico tivemos um ambiente pautado pela janela de resultados corporativos com as empresas (salvo exceções) demonstrando boa capacidade de adaptação ao ajuste econômico apesar também do aumento da volatilidade. No front político a consolidação dos candidatos e dos não candidatos começa a ficar mais clara. Pela Fitch tivemos mais um rebaixamento de nota soberana em função do atraso da Reforma da Previdência, porém o mercado ficou neutro após a nota pois já se tinha expectativa de tal fato.